



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

DALIANE DE OLIVEIRA LUCENA

**O SUJEITO-NEGRO NA OBRA “ÚRSULA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
ACERCA DAS RELAÇÕES DE PODER**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2012**

DALIANE DE OLIVEIRA LUCENA

**O SUJEITO-NEGRO NA OBRA “ÚRSULA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
ACERCA DAS RELAÇÕES DE PODER**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa: MSc.: Carolina Coeli Rodrigues Batista.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2012

L935s Lucena, Daliane de Oliveira
O sujeito-negro na obra “Úrsula”: uma análise discursiva acerca das relações de poder. / Daliane de Oliveira Lucena. – Catolé do Rocha, PB, 2012.
38 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, 2012. Orientação: Profa: MSc.: Carolina Coeli Rodrigues Batista. Departamento de Letras e Humanidades.

1. Discurso. Negro. Poder. Resistência. I. Título

21. ed. CDD 326.0981

DALIANE DE OLIVEIRA LUCENA

**O SUJEITO-NEGRO NA OBRA “ÚRSULA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
ACERCA DAS RELAÇÕES DE PODER**

BANCA EXAMINADORA

Carolina Coeli R. Batista

Profa: MSc. Carolina Coeli Rodrigues Batista

Orientadora – UEPB – Campus IV

Mauriene Silva de Freitas

Profa: MSc. Mauriene Silva de Freitas

Examinadora – UEPB – Campus IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinadora – UEPB – Campus IV

Aprovada em 28 de Novembro de 2012

Católé do Rocha – PB

2012

“A natureza não criou amos nem escravos, eu não quero dar
nem receber leis”.

Denis Diderot

Dedico esta monografia a Deus que me permitiu chegar até aqui, à minha mãe que me deu apoio e nunca mediu esforços para me ajudar, ao meu namorado e às minhas amigas que souberam suportar a minha falta de tempo, aos meus professores que me ensinaram que o conhecimento nunca está acabado, pois o conhecimento se renova a cada instante.

AGRADECIMENTOS

À **Universidade Estadual da Paraíba**, onde encontrei um ambiente acolhedor e que me proporcionou crescer intelectualmente, a todos os professores desta instituição com os quais tive o privilégio de estudar e que direto ou indiretamente deram sua contribuição para que esse trabalho fosse concluído, destaco aqui uma imensa gratidão à professora **Melânia Farias**, a qual me apresentou o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, ao professor **Marcos** que dispôs de tempo para me ouvir, à professora **Carolina Coeli**, pela competente orientação.

A toda minha família, em especial à minha mãe, **Marinalva Afra**, pois sem o apoio desta magnífica pessoa eu não conseguiria levantar diante dos obstáculos.

Ao professor **Joaquim** que sempre me motivou e mostrou o quanto é gratificante a arte de ensinar.

A todos os meus colegas que ao longo do curso diante das semelhanças e divergências souberam fazer de nossa turma uma família, precisamente a **Aline Dantas**, pelo companheirismo, e **Suênia Oliveira** pelo carinho e gentileza o qual me recebeu em sua casa e também pela parceria nos estudos e palavras amigas de entusiasmo nos momentos mais complicados desta jornada.

A todas as minhas amigas, em especial a **Samara Afra**, **Luciana Rodrigues**, **Amanda Kellis**, **Maciene Monteiro** e **Patrícia Ferreira** e também ao meu namorado **Francisco Zélio da Rocha Almeida** que suportaram a minha impaciência e a minha falta de tempo de está mais presente nas nossas farrinhas, demonstrando o verdadeiro sentimento da palavra cumplicidade e amizade.

Aos meus alunos, com os quais pude aprimorar e colocar em práticas meus conhecimentos.

Agradeço a **Deus**, pois se cheguei até aqui foi com o consentimento dele.

O meu muito obrigada.

RESUMO

No presente trabalho, de caráter bibliográfico, no qual o objeto de estudo foi o discurso do negro, no romance “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, escolhemos a Análise do Discurso de linha francesa como base teórica para analisarmos a produção discursiva do afro-descendente presente no romance estudado, visto que a obra em questão está dentro de um contexto, onde a escravidão vigorava no Brasil, assim o discurso do sujeito-negro está permeado de traços vigentes da época escravocrata. Porém para que esta pesquisa fosse produzida, fez-se necessário o estudo relativo ao que acontecia historicamente e socialmente no século XIX, para melhor compreendermos a intencionalidade discursiva dos personagens negros na obra de Maria Firmina dos Reis, tendo em vista que a autora buscou por meio de sua obra denunciar as injustiças e os maus tratos aos quais o negro brasileiro estava submetido. Em sua obra, a autora também inverte os valores, pois, no final do enredo o senhor, ou seja, o dominador é ridicularizado, pois enlouquece, e o negro morre, mas fica visto como herói. Para conseguirmos chegar aos nossos objetivos, que consisti em relacionar o discurso produzido pelo o ser negro em “Úrsula” com o discurso padrão do sujeito negro, assim a nossa investigação tem o intuito de mostrar que o discurso do negro no romance em questão se distingui dos demais discursos dos negros dentro deste contexto social, dessa forma foi preciso, partirmos do entendimento de que é pelo o discurso que o homem constrói sua identidade, ocupando seu espaço na sociedade. Para tanto, estudamos as categorias da Análise do Discurso de linha francesa, tais como: **Discurso, Ideologia, Formação Social, Subjetivação e relações de poder**. A ideia que despertou nosso interesse em estudar a obra “Úrsula”, adveio do discurso de poder, pois o negro mostrava-se ora soberano ora submisso, devido ao contexto social no qual ele estava inserido, que era o período escravocrata, em que o negro tinha o papel de apenas obedecer ao seu senhor, mas, no romance abordado, o personagem negro em determinados momentos sai da condição de aceitar tudo do seu senhor e passa a enfrentar a situação, o que nos instiga a investigar como se davam as relações de poder nesse cenário e como isso é mostrado discursivamente.

PALAVRAS – CHAVE: Discurso. Negro. Poder e resistência.

ABSTRACT

In this work, bibliographical, where the object of study was the speech of black, in the novel "Ursula" Firmina Maria dos Reis, chose Discourse Analysis of French as an aid to analyzing the discursive production of african descent in period, where slavery prevailed in Brazil in relation to the discourse produced in the work studied. But for this research were produced became necessary to study what happened historically and socially in the nineteenth century, to better understand the intent of the discursive character of black Firmina Maria dos Reis, because the author has sought through his work denouncing injustices and mistreatment that black Brazilian was submitted, it also reverses in his values, because at the end of the storyline you, ie, the dominator is ridiculed as freaks and black dies, but seen as a hero. To succeed in reaching our goals, Which was to relate the speech to be produced by the black in "Ursula" with the speech pattern of the black subject, so our research was intended to show that the discourse of black in the novel in question is distinguished from other speeches inside the black this social context, this way was necessary, start from the understanding that it is the speech by the man who builds his identity, occupying its place in society, we also studied the categories of discourse analysis as: Discourse, Ideology, Social Formation, and Subjectivity power relations. The idea that sparked our interest in studying the work "Ursula", consisted in the discourse of power, because the black showed up now sovereign submissive now, due to the social context that it was inserted, which was the period of slavery, where black had the role of just obeying his master, but the novel approached the character goes black at certain times of the condition of accepting all of his master and begins to cope.

KEY - WORDS: Discourse. Black men. Power and resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: PANORAMA GERAL DE ÚRSULA	13
1.1 A autora	13
1.2 Contexto de produção	15
1.3 A obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis	18
CAPÍTULO II: ANÁLISE DO DISCURSO: PRINCIPAIS CONCEITOS	22
2.1 Discurso, ideologia e formação social	22
2.2 Subjetivação e relações de poder	26
CAPÍTULO III: ESCRAVOS E SENHORES: AS RELAÇÕES DE PODER NA OBRA ÚRSULA	30
3.1 A voz do negro	30
3.2 A resistência do sujeito-negro à escravidão	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Marcada por um contexto de submissão, especificamente da mulher e do negro, a obra “Úrsula” mostra como esses sujeitos eram vistos no século XIX, em meio a uma sociedade patriarcal e escravocrata. O romance em questão passou muito tempo invisível aos olhos da sociedade mandonista da época, talvez pelo fato de ter sido escrita por uma mulher negra no período oitocentista, no qual o gênero feminino e a raça negra eram inferiorizados por uma sociedade que privilegiava os valores da ideologia tradicionalista do século XIX.

Podemos dizer que Maria Firmina dos Reis traz à tona a realidade do período oitocentista, realidade esta que inquietava a autora, pois ela não se rendia aos padrões desse período, que desvalorizava o negro e a mulher. Através da literatura, a autora toma a iniciativa de tentar mudar a consciência humana em relação ao gênero e à etnia, pois a sua obra foi escrita em um período escravocrata, porém não percebemos na obra “Úrsula”, índice de preconceito racial.

No romance “Úrsula”, há uma ruptura com a hegemonia do discurso, pois, na época que esse romance foi escrito, o único sujeito que tinha voz era o homem, mas Maria Firmina conseguiu dar voz ao negro e à mulher por meio de seus Personagens, que direta ou indiretamente por meio de seus discursos conseguem transmitir ao leitor uma visão positiva desses sujeitos.

O negro na obra “Úrsula” é produtor de um discurso que se diferencia dos demais discursos produzidos no período oitocentista, pois, como já foi dito, o negro não dispunha de voz perante a sociedade, no entanto o discurso do personagem negro se caracteriza por ora mostrar-se soberano, impondo-se ao dono do poder da época que eram os brancos, ou seja, o dono dos escravos, ora por produzir um discurso submisso, adequando-se aos padrões vigentes da época.

O discurso não se limita apenas a uma prática cotidiana, mas constitui-se como uma ferramenta pela qual o sujeito consegue dominar o inconsciente do outro, assim todo discurso acarreta uma intencionalidade ao ser produzido. Desta forma Foucault (2007, p.8), nos esclarece:

[...] o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita apresenta-se como uma inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade cotidiana e cinzenta poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias,

ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 2007, p.8).

Sendo assim, foi buscando nas bases dos principais teóricos em Análise do Discurso, como Foucault e Pêcheux que a presente pesquisa foi construída, sendo possível compreender o discurso do negro, ou seja, a intencionalidade discursiva produzida pelo negro em um determinado contexto sócio-histórico.

O presente trabalho tem como foco analisar a obra literária “Úrsula”, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, assim escolhemos analisar o discurso do negro na obra “Úrsula” (1859), de Maria Firmina dos Reis, pois na obra citada o negro tem voz e em alguns momentos mostra-se resistente ao poder do seu senhor, e é a partir desses momentos de resistência que podemos perceber uma nova visão do ser escravizado. Esse fato foi o que realmente nos chamou atenção para analisarmos a obra, pois ela foi escrita em uma época na qual o negro era silenciado pela sociedade. Dessa forma fica clara a ousadia da autora, pois, diferentemente de outros autores da época, ela exalta a figura negra.

Este trabalho é composto por três capítulos, os quais se apresentam em: **Capítulo I: Panorama geral de Úrsula; Capítulo II: Análise do discurso: Principais conceitos; Capítulo III: Escravos e senhores: As relações de poder na obra “Úrsula”.**

Assim, o capítulo I nos mostra a vida e a obra “Úrsula” da autora Maria Firmina dos Reis, enfatizando o contexto histórico e social que inspirou a autora a escrever uma obra que denunciasse as injustiças de uma época, dando ênfase à escravidão, pois o negro nesse período tinha a ânsia da liberdade. O capítulo II aborda as teorizações de alguns teóricos que se fazem necessárias para a compreensão da análise do discurso da obra estudada, ou seja, é pelo discurso que conseguimos interpretar a intencionalidade discursiva produzida em uma determinada obra, e para esse conceito de discurso ser compreendido é necessário o estudo de alguns outros conceitos relativos à AD. Já no capítulo III, explicitaremos como se constrói a figura do negro por meio do discurso, pois, ao analisarmos os discursos, perceberemos características como aspectos sociais e ideológicos que diretamente estão arraigados aos discursos dos sujeitos que os enunciam.

I PANORAMA GERAL DE ÚRSULA

1.1 A autora

Em 11 de outubro de 1825 nasceu no estado de São Luiz do Maranhão, Maria Firmina dos Reis, menina de família humilde, bastarda e mulata, assim, a autora sofreu nessa época preconceitos relacionados à sua condição social e racial. Ainda na infância, Maria Firmina, passou a viver em uma pequena vila do município de Viamão no Maranhão, onde foi amparada por uma tia. Segundo Lobo (1993), Maria Firmina dos Reis contou com a ajuda de seu primo Sotero dos Reis, sendo este escritor e gramático, desta forma ela relata a sua gratidão em alguns poemas pela contribuição cultural que recebeu do primo.

No ano de 1847, Maria Firmina dá início a uma carreira que se prolongou até 1881, ano de sua aposentadoria, podemos dizer que, o cargo de professora foi resultado de sua aprovação em um concurso público, conquistado aos 22 anos para ocupar a “Cadeira de Instrução Primária”. Ao ser convocada para o recebimento de sua nomeação, familiares faziam questão que esta fosse de *palanquim* (espécie de cadeira onde era preciso da mão escrava para conduzi-la), mas nesta época a autora já demonstrava certa revolta a esse tipo de atitude, então, segundo Morais Filho (1975), seu biógrafo, ressalta em *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, “querendo seus familiares que fosse de palanquim receber o seu título de nomeação, recusou-se irrevogavelmente, verberando: “*Negro não é animal para se andar montado nele!*” *E foi a pé!*”

Maria Firmina dos Reis se destacou em diversos momentos como cidadã e intelectual, ela teve papel importante na literatura afro-descendente, publicando o romance “Úrsula”, em 1859, sendo esse para alguns críticos considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro. A autora também contribuiu com ficções, poesias, enigmas e crônicas, se destacou até como compositora, pois escreveu o hino que exaltava a libertação dos escravos. Por ter deixado uma importante contribuição literária e moral, Maria Firmina dos Reis, por reconhecimento pelo estado do Maranhão, foi homenageada através de uma escola e uma rua que recebera o seu nome. É importante frisar que a data do seu nascimento foi contemplada como o dia da Mulher Maranhense.

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher guerreira que quebrou os laços tradicionais que estavam arraigados à imagem da mulher oitocentista, rompendo assim, com os valores de uma época que estava voltada para o homem, então a autora inconformada com certas limitações impostas a mulher, como: não poder estudar, escrever, dentre outras, enfrentou os preconceitos de uma época, saindo de uma zona de conforto, mostrando por meio da literatura escrita por ela mesma as injustiças que cercavam a sociedade do século XIX, que era uma sociedade radicada aos valores patriarcais, onde o escravo e a mulher eram submissos ao homem branco.

A autora Maria Firmina teve destaque por escrever em uma época em que a mulher não tinha nem o direito de estudar, e ela teve a ousadia de escrever sobre os negros retratando as injustiças atribuídas a eles, apresentando uma visão positiva da figura do negro em uma sociedade escravocrata, além da obra *Úrsula* que traz estes pensamentos, a autora também escreveu, em 1871, o livro *Canto a Beira Mar*, no qual a escritora retoma o pensamento de denunciar os maus tratos da escravidão.

A autora abordada usa a literatura como veículo para tratar da opressão social e racial ocorridas na época, pois ela era silenciada diante de uma sociedade patriarcal. Contudo, Maria Firmina dos Reis, ao seu modo, conseguiu denunciar as desigualdades do período oitocentista, elevando a figura do negro, mesmo este se encontrando em situação degradante, assim Maria Firmina também traz à tona a denúncia e as agressões que a mulher brasileira era submetida neste período.

Maria Firmina demonstrou ter atitude de enfrentar uma sociedade machista através de suas palavras, lutando persistentemente para alcançar seus objetivos, que eram mostrar a forma errônea de como a sociedade enxergava o negro e a mulher no século XIX. A autora teve uma longa jornada, vivendo até os 92 anos, porém, mesmo não tendo escrito muitas obras, as que escreveu foram de grande importância para a literatura afro-descendente. Segundo Lobo (1993), Maria Firmina dos Reis morreu “solteira, pobre e cega”.

1.2 Contexto de produção

A obra “Úrsula”, de Maria Firmino dos Reis, foi escrita em um período em que a autora vivenciava momentos de angústia, pois era submissa aos valores de uma sociedade patriarcal. Contudo, em meio aos obstáculos, a autora conseguiu se sobressair expressando seus desejos através da escrita fazendo uso de pseudônimos, o qual fica explícito no romance “Úrsula”, o qual a autora assinou como “Uma Maranhense”. Essa era uma maneira das mulheres expressarem seus pensamentos sem ter a preocupação de rejeição, assim, Maria Firmina fez o uso dessa estratégia, dentre outras, para mostrar a condição da mulher e do negro do século XIX.

A obra “Úrsula” foi escrita em uma época na qual a prosa de ficção estava tendo início na literatura brasileira. A autora utilizou-se da narrativa romântica para denunciar as desigualdades e injustiças da época, dando ênfase a questões como: a mulher e o negro, que eram considerados inferiores pela sociedade dominante, tornando-se assim vítimas da situação vigente da época que valorizava o poder patriarcal. Talvez, por essas razões, a autora tenha sido impulsionada a escrever uma narrativa com o teor de “Úrsula”, assim a autora se dispôs a fazer tal narrativa, onde expressa vivências que sentiu na pele como: a opressão social, sendo caracterizada como mulher e negra.

Para alguns historiadores, o romance “Úrsula” é considerado o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira. No entanto, este se diferencia dos demais pelo fato de ter sido escrito por uma mulher em uma época em que a mulher não tinha o direito de voz. A autora do romance em questão não acreditava que sua obra fosse trazer nenhuma contribuição para literatura, pois no prólogo desta obra a autora afirma que: “*pouco vale este romance, porque ser escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados.*” Maria Firmina tentou mostrar, através desta declaração, a condição social vivenciada por ela. Em nenhum momento, ela deixou que a indiferença da sociedade interferisse em seus objetivos, e seguiu até o fim corajosamente, mesmo acreditando que o seu livro não passava de “mesquinho e humilde livro” como está escrito em seu prólogo.

O romance “Úrsula” foi escrito em um período no qual a mulher como representação literária era desvalorizada. Assim, esta época ficou marcada pela ousadia da autora em ir contra aos valores predominantes, conseguindo se sobressair, pois a mulher neste contexto social era educada apenas com o propósito de cuidar da família de acordo com os costumes vigentes da época, ela também não podia exercer nenhuma função fora do âmbito doméstico. A sociedade moldava o comportamento do indivíduo para que fosse bem visto pela própria sociedade e as regras eram impostas pelos homens, então a mulher nesse contexto não tinha escolha a não ser obedecer. Esse fato fica claro quando D’Incao (2004), nos esclarece:

[...] A idéia de intimidade se ampliava e a família, principalmente a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos “outros”. A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora eram mais livres – “a convivência social dá maior liberdade às emoções”-, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D’INCAO, 2004, p.228).

Podemos perceber que a mulher sendo limitada para agir em várias situações e “*submetida aos olhares atentos da sociedade*”, não restou opção a não ser se submeter aos preceitos impostos pela sociedade, onde o poder patriarcal era o dominante, assim a mulher não tinha vez nem voz, só lhe cabia aceitar o papel que a sociedade vigente impusesse, como dona do lar, cuidar dos filhos e do marido.

Neste período publicar uma obra era algo difícil e, se tratando de uma mulher e negra enquanto autora, era algo quase impossível, então nesse pensamento atribuímos a Maria Firmina dos Reis um ato de muita coragem e determinação, pois passou a ocupar um espaço que até então era interdito às mulheres. A esse respeito Telles, (1987, p.408), afirma:

No século XIX, para as mulheres que pensavam ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora do seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que a definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade (TELLES, 1987, p.408).

Diante do exposto verificamos que Maria Firmina dos Reis já tinha noção dos obstáculos e preconceitos que enfrentaria para publicar uma obra em um contexto social que valorizava a figura masculina. A autora também tinha consciência da importância de sua obra, pois tinha o papel de denunciar as injustiças e preconceitos que girava em torno da mulher e do negro do século XIX.

Seguindo essa linha de pensamento, a autora escreveu “Úrsula”, relatando em sua obra acontecimentos semelhantes aos vivenciados por ela, mostrando que de certa forma a mulher era silenciada por uma sociedade crítica, a qual era voltada para uma visão machista. A autora revela, na obra em questão, uma forte angústia que a atormentava por ser uma escritora desta época, a qual sofreu pela falta de valorização por ser uma mulher e negra. A respeito desse episódio Campos enfatiza que:

[...] na relação masculino e feminino, a opressão e exploração deste último pelo primeiro: a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram. Donde não se tratar de pura diferença, mas sim de diferença hierarquizada em vista de poder (CAMPOS, 1992).

A mulher sofreu certo repúdio na literatura sendo impedida de dar a sua contribuição, pois esse era um direito atribuído apenas ao masculino. Sendo assim, o cânone literário foi marcado pela referência do homem enquanto inferiorizava a figura feminina. O papel que cabia à mulher do século XIX era o inverso do qual estava voltado para o homem, pois a predominância do masculino era protegida pela ideologia predominante naquele momento. Assim, a autora usa o seu romance como suporte para mostrar a exploração do negro e a situação subalterna da mulher neste período, expressando de certa forma o que acarretava a vida feminina e escrava diante deste contexto.

É evidente no romance abordado a presença fiel da autora, ela deixava transparecer as suas angústias, por meio da personagem Úrsula, relatando através desta os conflitos que acarretava a vida da mulher no período oitocentista como também a condição do negro. Maria Firmina dos Reis vivencia um momento de epifania, na sua obra, ela retrata a vida cotidiana de uma época, enfatizando a realidade do período oitocentista através dos personagens da obra “Úrsula”.

O romance estudado não teve o seu real reconhecimento na época, de acordo com Muzart (2000, p.266), “por ter sido editado na periferia, longe da corte e

por ser de uma mulher e negra”. Ao analisarmos a obra percebemos um conteúdo revolucionário para o período oitocentista, principalmente se levarmos em consideração que o Maranhão era uma das províncias mais escravocratas do Brasil, dessa forma a autora pode ser considerada uma mulher de muita coragem, por denunciar atos opressivos de muita violência brutal e psicológica nesse contexto social do século XIX.

1.3 A obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

A obra “*Úrsula*”, de Maria Firmina dos Reis, escrita no início do século XIX, mais precisamente no ano de 1859 é considerada por alguns historiadores o primeiro romance de autoria afro-descendente escrito por uma mulher nesta época. Este romance tem como foco retratar a figura do negro em uma sociedade escravista, no qual a autora deixa claro o desejo de libertá-los dessa condição, também é mencionada na obra abordada a questão do tratamento dado à mulher oitocentista, pois como afirma Beauvoir (2009), a mulher não dispunha de nenhuma regalia.

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...). Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

Segundo França (1988), os negros e mulheres desta época quando citados em alguma obra, eram apenas como pessoas do campo, submissas ao seu senhor, sem receber muita atenção. O romance analisado nos propõe que é possível um personagem negro, que também é um escravo, ter voz própria e receber total atenção no enredo, este é um diferencial dos escritos literários de seu tempo, como podemos perceber na fala do personagem de Túlio:

-Homem generoso! Único que soubeste compreender a amargura do escravo! ... Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia! Porque ao africano, seu semelhante disse: - és meu! – ele curvou a sua frente, e humilde, e rastejando qual erva, que se calçou aos pés, o vai seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre,

tem segura em suas mãos ambas a cadeia, o que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: - escravidão?!... E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como ar; porque no seu país não se é escravo.{...} Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! (REIS, 2004. p.38)

A autora não aceita que os escravos sejam submissos, inclusive, surpreendentemente, na sua obra podemos perceber um laço de amizade muito forte entre um negro e um branco, o que antes seria impossível. Como a autora veio fazer a diferença ela enfatiza no enredo que indivíduos de cor e classe social diferentes podem conviver harmoniosamente. Podemos perceber, no trecho do livro, a união do espírito de generosidade entre o negro e o branco:

Apesar da febre, que despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas idéias, e as expressões do escravo, e os serviços, que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão o mancebo arrancando a luva, que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara (REIS, 2004. p.25).

Como percebemos na citação acima, considerando o contexto em que estes personagens estão inseridos, fica evidente que Maria Firmina dos Reis, tenta de maneira ousada ou podemos dizer também inovadora mostrar que os sujeitos negros e brancos podem ser iguais, pois eles são dotados dos mesmos sentimentos, ou seja, são semelhantes, apesar das diferenças sociais.

No livro “Úrsula” é perceptível no discurso dos personagens uma linguagem erudita, pois não há diferença social entre as falas desses. A autora pode ter optado a fazer uso dessa linguagem por dois motivos que, segundo Sotero (1866) foram: primeiro, por ter sido escrita em uma época onde não era comum fazer o uso das variações linguísticas em textos literários; segundo, pelo fato da autora temer a rejeição da sua obra, pois este poderia ter sido mais um motivo para que isso ocorresse.

Maria Firmina dos Reis tenta, por meio de sua obra “Úrsula”, despertar o desejo de mudança em relação ao que se pensa a respeito do negro, inserido em uma sociedade onde este era desvalorizado. Então, a autora procura persuadir a sociedade por meio da leitura da obra em questão, assim a autora visa a modificar o pensamento dos indivíduos em relação à etnia. O romance “Úrsula” também pode

ser apresentado como um romance que apresenta alguns traços do romance gótico, pois há passagens na obra que acontece em um cemitério, na floresta, assim acreditamos que este fato pode ter sido estratégia da autora como forma de estabelecer empatia com o leitor. Essa afirmação fica explícita quanto Telles (1987, p.464), afirma:

A heroína não esta presa num castelo, mas junto à cama da mãe parálitica numa casa do vilão. Suas aventuras não são por corredores escuros, labirintos e alçapões e sim pela floresta, **e no cemitério**. É lá que toma suas decisões, e é lá que escapa do vilão. A segunda vez que dele escapa, quando todos já estavam mortos, é através da loucura, solução (encontrada para fugir da opressão) (TELLES, p.464, grifo nosso).

Diante deste trecho, notamos alguns traços do romance gótico como: a loucura, a morte, e é importante frisar que a autora não faz uso do final feliz e sim se utiliza destes traços góticos, acreditamos que este foi um meio que a autora encontrou para chamar a atenção do leitor.

A autora desnorreia o pensamento de um povo que estava arraigado a uma sociedade machista e racista, através da obra “Úrsula”, pois Maria Firmina parte de um discurso real vivenciado pelas mulheres e negros do século XIX para a ficção por meio do seu romance “Úrsula”, mas o que mais chama atenção é o fato de o livro ter sido escrito em uma época em que esses indivíduos não tinham direitos. A partir desse aspecto podemos perceber a mulher ousada e corajosa, sem medo de enfrentar preconceitos que Maria Firmina dos Reis foi.

O enredo da obra estudada se dá a partir de dois triângulos amorosos e uma tríade de negros (Túlio, Susana e Antero), que vão dando um desenrolar no enredo com ênfase em mostrar para a sociedade da época a igualdade humana de classes e raças. O primeiro triângulo é formado por Adelaide, Tancredo e o pai do jovem, porém logo esse triângulo é desfeito, pois o pai de Tancredo apaixonou-se por Adelaide e faz com que o filho viaje, para então ele casar-se com Adelaide longe dos olhos do filho, já o segundo triângulo acontece com Tancredo, Úrsula e o tio da jovem, esse romance também é desfeito, porque o tio de Úrsula apaixonou-se por ela, ao ponto de matar Tancredo, o verdadeiro amor de Úrsula. Mesmo depois de matar o seu rival, Fernando (tio) não consegue conquistar o amor de Úrsula e enlouquece. A partir daí detectamos uma inversão de valores, pois Fernando, homem rico e cruel, ou seja, ele era um senhor patriarcal e que cometia muitas injustiças com as mulheres e os escravos, mas que para aquela sociedade do período oitocentista era

aceitável, pois a estes sujeitos só cabia o papel de obedecer, então Maria Firmina como forma de mostrar a sua insatisfação no romance “Úrsula” faz uso desta inversão de valores, assim, o dono do poder, é ridicularizado pela loucura.

Assim, o romance relata uma historia de amor, mas que não tem final feliz, pois se trata de personagens de prestígios sociais diferentes e isso vem quebrar com o paradigma de uma época, onde o ideal era um romance que tivesse o objetivo de construir uma identidade nacional. Maria Firmina apresenta o negro em sua obra diferentemente de como ele era visto pela sociedade burguesa na época em que o romance foi escrito, pois o negro não tinha nenhum reconhecimento, e, em “Úrsula”, a autora faz uma exaltação à figura negra, ela tenta na sua obra, romper com o preconceito que estava ligado ao negro.

II ANÁLISE DO DISCURSO: PRINCIPAIS CONCEITOS

A análise do discurso surgiu a partir da década de 60 na França e tinha como objeto de estudo o discurso, pois a AD está intrinsecamente relacionada ao contexto histórico, social, ao sujeito, a ideologia e a língua, tentando compreender a ocorrência de determinado enunciado e não outro, assim, a análise do discurso estuda a exterioridade da linguagem. Os principais teóricos mencionados na análise do discurso de linha francesa foram Foucault e Pêcheux. Dentre as categorias estudadas pela Análise do Discurso de linha francesa, destacam-se discurso, ideologia, sujeito e linguagem, que estudaremos mais detidamente a seguir.

2.1 Discurso, Ideologia e Formação Social

O foco deste trabalho é a investigação da obra “Úrsula”, dando ênfase ao discurso do sujeito-negro, personagem da obra citada. Para tanto, fundamentamos teoricamente na Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Pode-se dizer que Análise do Discurso contribui de modo relevante no que se refere à relação entre os fatores linguísticos e sócio-históricos que envolvem os sujeitos, assim, a AD tem como foco primordial o discurso, de modo que este não consiste só no nível da língua, mas envolve elementos como: as condições de produção dos discursos, formação sócio-histórica-ideológica e formação discursiva.

Desta forma, a AD tem a preocupação de desvendar a intencionalidade que há em cada discurso que o sujeito-falante reproduz, isso acontece de acordo com o contexto, lugar social e ideologia. Nesse pensamento, Fernandes (2005) enfatiza que:

[...] discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas (FERNANDES, 2005, P.20).

O sujeito do discurso é visto como parte integrante da história, assim, podemos relatar que a fala do sujeito sempre será produzida levando em consideração um determinado lugar e momento histórico. A noção de sujeito histórico estará ligada à noção de sujeito ideológico, dessa maneira, Fernandes

(2005, p.43) enfatiza que o sujeito é “constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem.” Assim entendemos que os conjuntos de vozes que norteiam o sujeito discursivo estão intrinsecamente relacionados aos contextos históricos e ideológicos. De acordo com Orlandi (2000, p.15), “Na análise do discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Para Foucault (1986, *apud* Brandão 2002), o discurso pode ser definido da seguinte maneira:

[...] um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva (“um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios na regularidade em uma mesma formação discursiva”), para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. E a noção de enunciado em Foucault é contra posta à noção de proposição de frase (unidade, respectivamente, constitutiva da lógica e da lingüística da frase), concebendo-o como unidade elementar, básica, que formam um discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva (FOUCAULT, 1986 *apud* BRANDÃO, 2002, p. 28).

Michel Pêcheux é considerado um dos precursores ao estudar a AD francesa. Segundo Pêcheux (1993), o estudo do discurso é uma ruptura com as pesquisas estruturalistas, que concebia a língua apenas o ato da comunicação, visto que o discurso procura construir sentidos a partir do contexto histórico, social e ideológico, e isso acontece por meio da interação entre os falantes no discurso.

A noção de discurso está ligada à noção de sentidos, produzindo assim efeitos de sentido entre os sujeitos em uso da fala. Dessa forma, dizemos que esses efeitos de sentido são produzidos a partir das ideologias que constituem os sujeitos. Então são perceptíveis as relações entre sujeito, sentido, língua, história e ideologia. É por meio da linguagem que o sujeito consegue mostrar marcas dos processos ideológicos, visto que as formações ideológicas estão intrinsecamente ligadas aos sujeitos por meio de fatores como a situação econômica e ao lugar social do sujeito discursivo.

Segundo o pensamento de Althusser (2001), a ideologia não é mero produto da imaginação dos indivíduos, mas pode-se dizer que é o que os indivíduos imaginam e incorporam na sociedade. “Ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso” (FERNANDES, 2005, p. 25).

Falar de discurso é falar dos elementos que envolvem a história, a formação social e a ideologia. Segundo a AD, o indivíduo é visto como sujeito social por estar inserido em um meio social e, dessa forma, o sujeito passa a ser percebido não mais isoladamente, pois agora se encontra situado histórica e ideologicamente. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Veiga Neto enfatiza que:

“Não há, portanto, palavras aquém do discurso (...); as palavras e seus sentidos se estabelecem sempre discursivamente. (...) os discursos não estão ancorados em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada lugar, e, a partir daí, construir subjetividades” (VEIGA NETO, 2003, p. 120).

O discurso, para a Análise do Discurso, constitui-se através do interdiscurso, pois todo e qualquer discurso produz uma infinidade de sentidos por meio de outros sentidos já enraizados na sociedade. Porém, podemos atribuir à memória discursiva os sentidos enraizados da sociedade, pois, “um discurso constitui-se de outros discursos”. Dessa forma, como afirma Fernandes (2005, p.60), a memória discursiva é o “espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inseridos.”

Segundo o pensamento de Althusser, ressaltamos que a ideologia, por sua vez, constitui-se a partir de certa existência material, assim, é por meio desta existência que podemos desvendar a intencionalidade do discurso, pois a ideologia não está pautada em idéias soltas. De acordo com Althusser:

[...] trata-se de estudar as ideologias como um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção. O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição (ALTHUSSER, 2001, p.8).

Ao analisarmos o pensamento de Althusser, entendemos que o sujeito é instigado a se reconhecer como sujeito, porém, muitas vezes acaba por se assujeitar a um sujeito que em seu discurso internaliza uma relação de poder em relação ao

outro, pois a sujeição não se limita apenas a um conjunto de idéias, ela vai mais além, como a um conjunto de práticas, dessa forma é perceptível que a ideologia não é um produto legítimo do sujeito, mas sim é a existência material que condiciona o sujeito a produzir a ideologia em seu discurso. A noção de sujeito discursivo adotada neste trabalho considera para além dessa noção de assujeitamento dos indivíduos apresentada por Althusser e Pêcheux, mas correlaciona-se com ela. A noção aqui adotada parte das teorizações foucaultianas acerca da subjetivação dos indivíduos, como veremos adiante.

Diante do exposto, vale salientar que o discurso parte da exterioridade do linguístico, assim sendo marcado sócio-histórico-ideologicamente, porém, se levarmos em conta o social percebemos que haverá muitas divergências discursivas, pois cada sujeito está constituído de ideologias, assim, formando vários grupos discursivos dentro de uma mesma sociedade. É importante frisar que o sujeito é constituído pela linguagem e é por meio desta que podemos perceber as influências da ideologia, pois o sujeito por meio da linguagem reproduz um determinado contexto social e discursivo, ou seja, a formação ideológica está fortemente ligada ao sujeito.

Em consonância com os fatos investigados pela AD, Pêcheux nos esclarece alguns fatores que estão correlacionados ao discurso como: a língua, o contexto histórico e o inconsciente, em suas palavras podemos perceber que:

[...] a história não é outra coisa do que a resultante de uma série de situações de interações, reais ou simbólicas, a língua não é outra coisa que uma (fraca) porção dessas interações simbólicas, e o inconsciente não é outra coisa que a não-consciência afetando negativamente este ou aquele setor da atividade do sujeito, em função das determinações biológicas e/ou sociais mencionados nesse instante (PÉCHEUX, 1999, p. 12).

Através do fragmento acima percebemos que a língua constitui a representação social discursiva do sujeito, porém, a história também exerce um importante papel na construção dos discursos. Entendemos que o discurso sofre influência direta da história da ideologia como também do contexto social de certa forma mantendo relação com o inconsciente, como Pêcheux nos mostra na citação acima.

2.2 Subjetivação e relações de poder

A noção de subjetividade relacionada à linguagem é traçada pelo estudioso Benveniste, que estabelece a relação direta entre sujeito e linguagem, dessa forma ele dá ênfase ao sujeito antes esquecido pelo o estudioso Saussure. Nessa perspectiva, Benveniste ressalta que:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito (BENVENISTE, 1989, p.286).

Acrescida a essa noção, concordamos com o que, segundo Castro (2009, p.408), nos propõe Foucault, a subjetivação é pautada na construção do sujeito, por meio desta subjetivação é que ocorrem os modos de objetivação do sujeito “isto é, os modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder”. O autor ainda enfatiza que tanto a subjetivação quanto a objetivação são formas independentes, apesar de se desenvolverem mutuamente.

Podemos reforçar a ideia de subjetividade através da noção de subjetivação apresentada por Foucault, seguindo este mesmo pensamento, Prata (2001) enfatiza que a noção de subjetividade vêm anteposta às palavras, como também aos modos, formas e processos, desta forma indicando que a subjetivação é um processo inacabado, ou seja, é constituído continuamente, pois a subjetivação é um processo pelo qual o indivíduo vai se constituindo como sujeito, dessa forma dizemos que o indivíduo torna-se sujeito. Vale expor também que a subjetivação tem um diferencial de uma época para outra.

Para Foucault (1999), o poder está intrinsecamente ligado ao direito e à “verdade”, pois o poder é tido como um direito, se observarmos a posição da sociedade, ou seja, se existe um rei existirá um súbito e também é tido como verdade, por meio do discurso do sujeito ora obrigado por alguém, devido à condição a que é submetido, ora rebelado a esse poder, dessa forma o sujeito já internaliza o discurso de “submisso”, muitas vezes inocentemente, ou seja, sem consciência e reflexão. Assim, Foucault nos esclarece:

para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige

essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, 1999, p.29).

Diante das idéias de Foucault, verificamos que o poder é uma ação que gira em torno de outra ação e sempre vai ter um sujeito direta ou indiretamente exercendo poder sobre o outro. Contudo, aquele que é coagido é obrigado de certa forma a revelar a verdade àquele que está na condição do soberano, ou seja, aquele que exerce o poder. Desse modo o sujeito constitui-se na cadeia dos poderes que lhe são atribuídos socialmente. Assim, na obra estudada neste trabalho, analisaremos os sujeitos discursivos de acordo com a posição ocupada por eles na cadeia de poderes que lhes envolvem, ou seja, sujeito-escravo, sujeito-senhor, assim por diante.

Podemos ressaltar que o poder para Foucault (2001) é pautado nas relações sociais que norteiam a sociedade, e não é tido apenas como um objeto. O poder está inserido no contexto sócio-histórico se adequando a toda e qualquer forma de comunicação, constituindo assim, as diversas ideologias do sujeito. Nesse pensamento, Gregolin (1988, p. 118) enfatiza que “como as idéias não existem desvinculadas das palavras, a linguagem é um dos lugares onde se materializa a ideologia”.

Neste sentido podemos dizer que o poder é constituído por uma alternância, no qual sempre haverá dois lados: o soberano e o submisso, mas que essas posições não são estáveis, pois o poder transita. No entanto, entendemos que a força como também o poder faz parte da vida de todos os sujeitos, em relação ao exposto, Foucault (2001, p. 241) diz que:

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (Foucault,2001, p.241).

De acordo com o fragmento, podemos perceber que sempre que houver relação de poder existirá resistência, assim sendo verificamos que o sujeito é visto como objeto quando está sob o domínio de poder. É importante destacar que o poder está fortemente relacionado com o saber, onde um constitui o outro de forma direta ou indiretamente.

A obra “Úrsula” apresenta o poder como uma força unilateral em que um é o opressor (Fernando P.) e o outro é o oprimido (o negro). Quando há algum indício que comprove resistência, o que se percebe é que o poder não pertence a ninguém definitivamente, ao contrário, ele transita todo o tempo. Sobre a resistência, Foucault (2006) ressalta ainda que:

as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência. E é porque há a possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2006, p.232).

Desse modo, na obra “Úrsula” fica explícito o poder e a resistência, pois o comendador exerce seu poder sobre os mais frágeis, que são os escravos, no entanto, pode-se perceber a resistência da escrava Susana em relação ao poder do comendador, pois, quando Úrsula desaparece o senhor Fernando, o comendador, fica furioso e exige que a velha Susana diga qual o destino da jovem Úrsula, porém a negra Susana não sabe e mesmo se soubesse como se esclarece no trecho ela não diria, esse fato se concretiza no fragmento abaixo:

- Para onde foi Úrsula? - interrogou com voz que horrorizava - Para onde foi Úrsula? Fala, ou prepara-te para morrer sob o azorrague. - Não sei, meu senhor, - respondeu humildemente a velha - disse-me que vinha orar ao cemitério. [...] **Pediu a Deus que lhe pusesse um selo nos lábios, e o valor do mártir no coração.** - Então... - tornou ele enfurecido - confessa, ou não?... - Não sei, meu senhor! replicou Sussana. (REIS, 2004, p.190-191 grifo nosso).

Percebemos a resistência de Susana quando o narrador acentua o seguinte trecho: “Pediu a Deus que lhe pusesse um selo nos lábios, e o valor do mártir no coração”, aqui a personagem de certa forma resiste à soberania do comendador e essa resistência é feita através do silenciamento em relação ao que estava sendo proposto como forma de ameaça à personagem. O “valor do mártir” também é uma forma de resistência, pois por mais que Susana soubesse que estava caminhando rumo à morte, esta permaneceu calada, apesar de saber que iria ser torturada até a morte. Ou seja, mesmo estando em uma relação de poder assimétrica, em uma posição de desvantagem, a escrava Susana resiste como pode ao poder exercido pelo seu senhor.

A concepção de poder evidenciada por Foucault se diferencia da de Althusser. O poder para Foucault não é de exclusividade de um indivíduo, assim, em meio a uma sociedade pode-se dizer que não há divisão entre os que têm e os que não têm o poder em suas mãos, por esse motivo sempre haverá oposições. Diante do exposto, Foucault afirma que “o poder não existe”, ou seja, o que existe são práticas e relações de poder (FOUCAULT 2001, p.248). Cabe ressaltar que o indivíduo não detém o poder, pois esse só o tem no momento que ele é exercido ou praticado, e, como o poder circula de mão em mão, a resistência ao poder do outro também é uma forma de poder, como vimos acima.

Segundo Fernandes (2005, p.58), “as relações de poder constroem-se e as representações de poder confrontam e alteram-se, mudando, conseqüentemente, o lugar de onde vozes produzem enunciações, de onde os discursos são produzidos”. Ainda nesta perspectiva, podemos dizer que são as ideologias, ou “verdades”, que constroem politicamente as relações de poder no discurso, e é a partir desta ideologia que ocorrem mudanças de diferentes níveis ao longo da história.

III ESCRAVOS E SENHORES: AS RELAÇÕES DE PODER NA OBRA ÚRSULA

Podemos ver na figura negra representada na obra “Úrsula” uma visão diferente das demais obras que retratam o negro, pois o sujeito negro citado neste romance resiste ao poder do senhor, seja pelo discurso, seja pelo pensamento, assim esta visão do negro escravizado só é possível devido esta obra ser escrita por uma escritora negra que, sentia na pele os preconceitos por causa da raça, dessa forma ela consegue retratar a real situação do negro naquele contexto de um ponto de vista interno. Maria Firmina dos Reis nos mostra o Sujeito negro como um ser que se adapta a posição a que é imposta, mas não é apático com relação ao poder do senhor, pois o negro enquanto escravo resiste.

3.1 A voz do negro

Considerando o contexto sócio-histórico do Brasil no período escravista no século XIX, acreditamos que o negro é visto socialmente como indivíduo inferior ao branco. Contrapondo-se a isto, na obra “Úrsula”, encontramos personagens que poderiam distanciar-se dessa visão preconceituosa que inferioriza o negro em relação ao branco, temos como exemplo os personagens negros: Túlio, Susana e Antero. O diferencial da obra estudada se dá pelo fato de evidenciar a resistência que o negro apresentava para com o branco. O negro, apesar de ser escravizado, não permitiu que o sentimento de rancor penetrasse no seu coração, tornando-se pessoas serenas, capazes de ajudar o próximo, ou seja, são personagens bastante humanizados. Podemos perceber esta atitude humanizada do sujeito-negro quando o narrador encaminha a voz de Túlio no momento em que ele ajuda um homem branco:

- Senhor! – balbuciou o negro – vosso estado... Eu – continuou com acanhamento, que a escravidão gerava – suposto nenhum serviço vos possa prestar, todavia quisera poder ser-vos útil. Perdoai-me!... – Eu? – atalhou o cavaleiro com efusão de reconhecimento – eu perdoar-te! Pudera todos os corações assemelharem-se ao teu. (REIS, 2004,p. 24 - 25)

Diante do fragmento, percebemos que a construção acima apresenta o sujeito-negro como alguém humano, generoso, apesar da condição que o negro era submetido, condição esta de escravo. Sob essa ótica, percebemos que o sujeito-

escravo assemelha-se em demasia ao sujeito-branco e que é colocado, por este, em uma posição até de superioridade se comparado aos demais homens.

Em relação a outro personagem negro da obra, Antero, percebemos que ele tem uma atitude perversa, e isso se dá pelo fato dele ser submisso ao seu senhor. Porém, essa submissão faz com que este personagem tenha atitudes maldosas em relação ao semelhante negro, agindo sempre a mando do seu senhor, Pois, conforme vimos no decorrer do nosso trabalho, sempre que houver um soberano, existirá um submisso.

Percebemos, diante do enredo, que Antero sente-se angustiado por tomar atitudes que são forjadas a mando do outro, e essas atitudes só vêm a acontecer devido à condição submissa do sujeito-negro. Esse fato fica explícito no fragmento abaixo, quando o sujeito-negro, agindo a mando do outro, torna-se soberano diante de outro sujeito-negro, porém ao acatar a ordem do seu senhor torna-se submisso. Assim, podemos afirmar que o negro Antero apresenta um sinal de relação de poder assimétrica, ou seja, é aquela relação de poder onde os sujeitos envolvidos não estão em igualdade com relação aos poderes, dessa forma um detém mais poder que o outro, quer dizer é uma relação desigual, esta relação fica claro no caso da escravidão, pois o senhor tem mais poder do que o escravo.

Em presença dos dois homens de má catadura e feições horrendas, ele mostrou-se rígido, e atirou com o prisioneiro para um quarto úmido e nauseabundo, e mostrou interessar-se vivamente em cumprir as ordens, que recebera. **Porém, ao ficar só Antero sentiu sua consciência pesar e disse:** Coitado! – dizia ele lá consigo – sua pobre mãe acabou sob os maus tratos de meu senhor! ... e ele, sabe Deus que sorte o aguarda! Pobre Túlio! ... [...] – Meu filho, não achas que a noite assim vai tão lenta e fastidiosa? (REIS, 2004,p.205-206 grifo nosso)

A partir deste trecho verificamos que o sujeito- escravo se submete ao poder do sujeito- branco para então agir sobre o outro sujeito-escravo e também é perceptível a humanização do escravo Antero, que se angustia diante da situação que é imposta, ou seja, exercer poder sobre o seu semelhante e amigo, o escravo Túlio. Então veremos a seguir que sempre que houver poder haverá resistência dando ênfase ao negro escravo.

3.2 A resistência do sujeito-negro à escravidão

A narrativa do romance “Úrsula” transfigura a realidade dos oprimidos daquela época, sendo assim, o narrador vem mostrar que os personagens negros constroem sua identidade sócio-histórico-ideologicamente, e esse fato desconstrói a ideia de que “todo africano já nasce escravo”, ou seja, o contexto interfere na construção de identidade do sujeito. Percebemos na obra que a figura do negro aparece como um ser livre através da sua própria voz e por meio de sua imaginação. Percebemos que é por meio dessa imaginação, ou melhor, da lembrança, que o sujeito-escravo encontra um modo de manter-se livre intelectualmente daquela condição de escravidão.

Essa afirmação ganha cientificidade quando o narrador acentua no enredo a descrição que o negro Túlio faz da África, sua terra natal, e através de seu discurso ele consegue se teleportar para as suas raízes culturais.

Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: Vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonho em que se engolfara, e a realidade opressora lhe aparece – é escravo e escravo em terra estranha (REIS, 2004, p. 38 – 39).

Em meio a este trecho, percebemos que a única forma que Túlio encontra para se ver livre da cruel realidade é por meio do pensamento, ou seja, das recordações de sua terra natal, isso é uma forma do sujeito negro resistir as condições miseráveis que são atribuídas ao escravo. Além do mais, há uma questão reveladora no final desse trecho: ser escravo é uma condição miserável, mas ser escravo em uma terra estrangeira, além de ser miserável, tolhe o sujeito no que diz respeito à sua identidade. Afinal, nossa identidade está diretamente ligada ao lugar de onde viemos.

Essa idealização a respeito da terra natal, também pode ser vista no decorrer do enredo por outro personagem, como no relato abaixo “fantasiado” por mãe Susana, que em seu discurso evidencia algumas ideologias do contexto social que a escrava vivia na África, ou seja, todo indivíduo é impregnado por cargas ideológicas, provenientes dos seus contextos, constituindo assim e favorecendo a construção de sua ideologia, assim ao analisarmos este trecho torna-se perceptível a ideologia da liberdade construída por Susana, isto é, a personagem a partir de seu

contexto, constrói o conceito de liberdade baseada na sua existência, pois como Althusser diz a ideologia é o que os sujeitos imaginam e incorporam diante do vive na sociedade:

[...] Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranqüila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meus país [...] (REIS, 2004, p. 115).

Diante deste fragmento, podemos perceber a importância do poder da imaginação, a memória, na fala do sujeito-negro, pois é através dela que é construído a caracterização do personagem no período escravocrata, por meio de suas reminiscências, como também da forte lembrança da narradora, onde esta, através da criação de seus personagens, revela um discurso crítico com relação aos problemas sócio-culturais da época oitocentista. Esse lugar na memória, onde os sujeitos se imaginam livres, revela um modo de resistir ao poder imposto pela condição de escravo, afinal, o sujeito-negro encontrava-se numa relação de poder assimétrica, e, mesmo lhe cabendo poucas alternativas de resistência, ainda lhe cabia o lugar da memória que não havia se subordinado ao poder do branco dominador. Ou seja, o lugar da memória, para o sujeito-escravo era uma forma de resistência.

A obra “Úrsula” se diferencia dos demais romances afro-descendentes da época por retratar a figura negra tendo voz ativa, em vez de priorizar a voz dos senhores patriarcais, considerando-se que neste período eram estes que possuíam o poder dominante. Assim, o sujeito-negro por ser escravizado, na obra, em alguns momentos, por medo, aceita ser submetido aos desígnios do senhor, mas logo ele consegue sair dessa zona de submissão, pois, como Foucault nos diz no decorrer do trabalho, sempre que houver um sujeito exercendo poder haverá outro resistindo, só há poder se houver resistência.

O fragmento abaixo revela esse momento vivido pelo negro, onde ele resiste ao soberano, pois o senhor dominador impõe que o negro escravo diga onde se encontra Tancredo e Úrsula para torturá-los, amigos do negro, e Túlio se submete ao senhor, mas logo ele resiste ao dominador pelo o discurso como forma de proteger seus amigos:

- Dizei, meu senhor, o que determinais ao vosso escravo? [...] — Covarde! — bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quando essa palavra insultuosa o podia perder matai-me muito embora, estou em vosso poder; mas não me insulteis! Não, nunca espereis que proteja o assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão! (REIS, 2004, p. 203 - 204).

É visível a submissão do negro neste trecho quando ele diz: **- Dizei, meu senhor, o que determinais ao vosso escravo?** Porém, logo o escravo muda de posição e resolve enfrentar a situação resistindo ao senhor, esse fato fica claro quando ele insulta o senhor dominador: **Covarde! – bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quando essa palavra insultuosa o podia perder matai-me muito embora, estou em vosso poder**, então podemos verificar que a resistência do negro ao poder do outro é tão aguda que, mesmo sabendo que poderia ser punido, o sujeito escravo resiste.

Mais uma vez, é perceptível, na obra, pela fala da negra Susana, certa resistência como também uma atitude de muita coragem, pois a escrava, mesmo sabendo que ia ser torturada pelo senhor dominador, ou seja, aquele que detém o poder, não hesitou em enfrentar a situação, porém, este gesto pode ser considerado como uma atitude impensada ou inocente. Este fato fica claro quando o narrador encaminha a voz de Susana, pois ela, mesmo sabendo das consequências que aguardava e tendo a oportunidade de fugir não temeu em resistir e ficar para enfrentar a situação, pois o senhor dominador queria que Susana desse destino de Úrsula e Tancredo, porém a negra Susana não sabia, mas iria sofrer consequências, porque o senhor fazia juízo que a negra soubesse e não queria falar, então Susana resistiu a situação, afinal nada ele tinha feito, mesmo acreditando que iria ser torturada ele ficou.

- Foge, Susana! - Fugir? Não, meu senhor. Não sabeis que estou inocente? – Louca, tornou ele, - toma o meu cavalo e foge. Que importa àquela fera a tua inocência? Acaso não conheces o comendador? Susana replicou-lhe com vivo reconhecimento: [...] – O céu vos pague tão generoso empenho: mas os que estão inocentes não fogem. (REIS, 2004, p. 187).

Fica explícito neste trecho a resistência da negra Susana quando ela não teme o poder do senhor e decide ficar para enfrentá-lo, no entanto vale salientar que fugir também seria um modo de resistir ao poder do outro, mas ficar e enfrentar é uma estratégia de resistência muito mais ousada, assim esta situação mostra que

Susana é uma negra de muita coragem e determinada, ela não foge diante dos obstáculos.

No romance abordado, podemos perceber também na voz do negro Túlio certo repúdio quando um branco pergunta qual a sua condição, pois o negro deduziu que, ao dizer a sua condição social, o seu amigo iria lhe abandonar, pois Túlio “não passava de um mero escravo”. Essa afirmação se concretiza no fragmento abaixo:

- A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis amigo, calculaste já, sondaste vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz! ... tão mesquinha, e rasteira é a sua sorte, que... – Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro [...] (REIS, 2004, p. 27 - 28).

Percebemos claramente na fala de Túlio um rejeição à sua própria posição de sujeito-escravo, pois ao se colocar distante do seu amigo e em condição inferior à deste, o sujeito-escravo mostra em seu discurso que, apesar de resistir, já internalizou as ideologias da época que separavam negros de brancos e os distinguiam, inferiorizando uns em detrimento dos outros. Além de difundirem a impossibilidade de um relacionamento positivo entre brancos e negros.

Podemos dizer, diante do exposto, que por se tratar de um período, no qual predominava a escravidão, a narradora tenta fazer uma crítica à sociedade daquela época, ou seja, às práticas opressoras e às ideologias que sustentavam essas práticas, pois, um branco não tinha contato com um negro a não ser para escravizá-lo e, nesta obra, o branco passa a admirar o ser negro, por ser um ser tão puro, capaz de ajudar o seu próximo, por mais que o branco o torture. Percebemos este fato no discurso do negro abaixo:

- Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vô-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quando nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão. (REIS, 2004, p. 28 - 29).

No trecho acima percebemos que, ainda que esse branco seja bom ele continua sendo branco e continua subjulgando negro à condição de escravo. No discurso do próprio sujeito-escravo, percebe-se que por melhor que há uma impossibilidade de outro modo de relação com o branco, mesmo este tendo um

“bom coração”, a única possibilidade de relação a se estabelecer com o sujeito-branco seria a de senhor e escravo: “Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão.”

No enredo da obra “Úrsula”, percebemos que Túlio, como forma de agradecimento por sua liberdade, decide acompanhar e proteger o seu amigo branco, assim, o negro, para Susana, não goza puramente da liberdade, pois apesar de dispor de “certa liberdade” ele permanece sempre ligado à figura do seu amigo, então Susana replica ao negro Túlio:

Que te adianta trocates um cativo por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te [...] Tu! Tu livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre? (REIS, 2004, p. 113).

Em meio a esta situação, Túlio tenta provar por meio de seu discurso, persuadindo mãe Susana da sua liberdade, assim a narradora encaminha a voz de Túlio:

Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se devo ter limites à minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento!... (REIS, 2004, p. 114).

Essa atitude revela uma aceitação à condição a que o sujeito-negro já havia se submetido anteriormente, ou seja: a de servo do sujeito-branco. Embora não se chame mais de escravo, Túlio continua exercendo o papel de servo do sujeito-branco.

O negro Túlio foi fiel ao seu amigo/senhor até a morte, assim podemos dizer que a morte representada na obra “Úrsula” por meio tanto de Túlio quanto Susana é uma forma de mostrar a sociedade mandonista da época mais uma forma de resistência que o sujeito-negro podia apresentar em relação ao poder do opressor, pois mãe Susana morreu resistindo à dominação de seu opressor e o que aconteceu com Túlio é bem parecido, este morreu tentando salvar o amigo, podemos dizer que esta tentativa foi uma forma de resistência, pois Túlio desobedeceu o comendador, fugindo do cativo. Dessa forma, percebemos a gratidão e reconhecimento que Túlio tinha por seu amigo, diante das suas últimas palavras que seguem abaixo:

- São eles! – disse a si mesmo, e no ardor da sua dedicação gritou com voz que repercutiu na solidão. – Cilada, senhor... querem assassi... Dois tiros de pistola disparados ao mesmo tempo ressoaram como pavoroso estampido, e Túlio não acabou a palavra! A mão, que os disparou, era certa, e ele moribundo só pôde exclamar: - Jesus! Eu mor...ro!... (REIS, 2004, p. 212).

Através do fragmento a narradora propôs mostrar a fidelidade que o negro tinha para com o branco, ressaltando por meio das últimas palavras do personagem que ele mesmo no momento de angústia, pois a morte estava próxima, optou por deixar de sobre aviso a cilada que havia sido preparada para seu amigo, o negro admirava tanto o seu companheiro que não temia o que acontecesse consigo, porém o seu ideal era salvá-lo. Pode-se analisar, por outro lado, que o sujeito-negro estava tão acostumado a ser subjugado pelo branco que se reconhece inferior a este e se coloca em posição de ser capaz de dar a própria vida em nome de seu opressor, como se a vida deste fosse mais valiosa.

A autora nesta obra, indignada com o tratamento que o negro recebia no período oitocentista, decide dar voz aos que não eram reconhecidos pela sociedade, por meio dos seus personagens, rompendo com o silêncio que era imposto à figura do sujeito-negro neste período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, compreendemos através desta pesquisa como o sujeito se constrói por meio do discurso, pois é perceptível um paralelo entre o discurso do personagem com o discurso padrão da época em relação ao negro. Visto que, é pelo o discurso que o homem torna-se soberano ou submisso ao outro. Porém este estudo só foi possível devido às teorias de alguns teóricos diante do assunto abordado que é Análise do Discurso, desta forma por meio de grande acervo bibliográfico é que a dada pesquisa foi constituída.

No romance “Úrsula”, percebemos que o discurso do negro se distancia do padrão que era imposto pela sociedade do século XIX, pois o negro não tinha nenhuma representação perante a sociedade, no entanto Maria Firmina dos Reis, mulher, pobre e negra escreveu “Úrsula”, quebrando com os paradigmas vigentes de uma época, dando voz ao negro e o fator mais forte ainda para aquele período era que o negro usava essa voz contra a escravidão, ou seja, ele passou a ocupar seu espaço em meio à sociedade.

Por meio desta pesquisa, verificamos que o discurso do sujeito é formado a partir do contexto histórico, econômico e social que ele está envolvido, vale salientar que todo discurso esta impregnado de ideologias.

No discurso dos personagens negros da obra “Úrsula”, encontramos alguns índices que aparecem como fatores primordiais na produção do discurso do ser negro, como: o lugar onde o negro estava inserido e a sua ânsia pela liberdade. Desta forma, dizemos que o negro produz um discurso ora submisso, ora soberano, devido ao contexto social, não apenas por isso, mas também devido às formações discursivas e ideológicas do período oitocentista, ou seja, o século XIX.

Podemos dizer que, a identidade do negro, ou seja, dos afro-descendentes é construída através da visão do dominador em relação ao dominado, visto que esta visão sempre estava norteadada de valores negativos, pois era de costume encontrar nas obras literárias do século XIX, o dominador falando sobre o dominado, porém a autora Maria Firmina dos Reis conseguiu escrever uma obra que desorganizasse esse padrão imposto pela a sociedade oitocentista e um ponto de maior ousadia da escritora, foi falar da escravidão em um período que vigorava a escravidão no Brasil. Então, como já foi dito, a autora da voz ao negro usando a literatura como veículo para desnortear valores preconceituosos em relação à identidade negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral I**. 3 ed. Campinas: Pontes, 1989.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2002.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Gênero**. In **palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago ed. 1992.
- CASTRO, Edgardo Manuel. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed.São Paulo: Contexto, 2004.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. Conversa entre Michel Foucault e Giles Deleuze. In:_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- _____. **A ordem do discurso**. 15ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. **Estratégia, poder-saber**. Col. Ditos e escritos IV (org. Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006
- _____. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Imagens do negro na literatura brasileira (1584-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1998 (Coleção Tudo é história, vol.151).
- GREGOLIN, M. R. V. **As fadas tinham idéias**: estratégias discursivas e produção de sentidos. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho” , UNESP de Araraquara (SP): 1988.
- LOBO, Luiza. **Auto retrato de uma pioneira abolicionista**. In: Crítica Sem Juízo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- MORAES FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luis: COCSN, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Contextos epistemológicos da análise de discurso. Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade**. Campinas, n. 4, p.07-16, maio 1999. Tradução de Eni Orlandi (Labeurb/Nudecri).

_____. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1993.

PRATA, M.R. Foucault e os modos de subjetivação. **Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**, v.1, n.1, Rio de Janeiro: 2001.

REIS, Francisco Sotero dos. **Curso de Literatura Portuguesa e brasileira**. São Luis: Tip. De B. de Mattos. 1866, v.1.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A escrava**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC, Minas, 2004.

TELLES, Norma. **Encantações** - escritoras e imaginação literária no Brasil no século XIX. Tese de doutoramento, PUC de São Paulo, 1987 Mimeo.

VEIGA NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.